

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES
Universidade de Coimbra

2
/

SUBSÍDIOS PARA UM ESTUDO DA INFLUÊNCIA DA LÍNGUA HEBRAICA NO IDIOMA PORTUGUÊS

O tema da influência exercida pelo hebraico na língua portuguesa reveste-se de certa importância. Efectivamente, encontramos no nosso léxico vários vocábulos que chegaram até nós através da tradução latina da Bíblia feita por S. Jerónimo e que ficou conhecida por *Vulgata*. Trata-se de termos de diversa ordem: alguns são nomes próprios, como Adonai, Javé, Adão, Noé, Abraão, Samuel, David, Salomão, Isaías, Ezequiel, Daniel, etc.; outros referem-se à vida litúrgica, como «amen», «Páscoa», «sábado», «aleluia», etc.; e podíamos acrescentar mais casos de termos de origem bíblica, como «maná», «safira», etc.¹

No presente trabalho tivemos em vista o estudo de nomes de plantas e, mesmo aqui, não se trata de uma abordagem exaustiva. Cingimo-nos às palavras «aloés», «bdélio», «canela», «cássia», «chibre», «cinamomo», «gálbano», «mirra» e «nardo», que podem servir de exemplos.

Como se verá ao longo do presente artigo, a sua origem nem sempre ou quase nunca é propriamente hebraica. Trata-se de vocábulos que aparecem noutras literaturas, como na ugarítica, na assiro-babilónica, etc. Quer dizer, estamos perante palavras que, sendo hoje utilizadas em português, têm uma história bastante longa. As civilizações assiro-babilónica e egípcia desenvolveram-se ao longo de vários milénios, e a de Ugarit, especialmente, no mil. II antes de Cristo. Hoje, à luz da literatura ugarítica, o exegeta bíblico dispõe

¹ Sobre este tema têm sido escritos diversos estudos, como o de António Augusto Tavares, «Influências do Hebraico no Português», in *Didaskalia*, vol. VII (1979), p. 147-178.

de abundante material para melhor compreender o texto sagrado no que toca à filologia, mitologia, religião, etc.

Porque estes termos estiveram muito em uso na literatura portuguesa da época dos descobrimentos, lembrámo-nos de consultar a obra de Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples e das Drogas*, na reedição de 1987 da de 1891, feita pelo Conde de Ficalho, e a sua versão latina por Carlos Clúcio, onde encontramos explicações sumamente interessantes para se entender o significado de alguns dos vocábulos estudados². Mas houve outras reedições.

² A obra de Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples e das Drogas Mediciniais da Índia*, foi publicada em português, em Goa, no ano de 1563. Orta, Amato Lusitano e Rodrigo de Castro, os três de origem judaica, constituem «a trindade notável do séc. XVI que representa valorosamente a medicina portuguesa». O livro de Garcia de Orta e os de Fernão Mendes Pinto, António Tenreiro, Mestre Afonso, Gaspar Correia, entre outros, são importantes repositórios de notícias para a história médica do Oriente no séc. XVI. Através deles pode ilustrar-se esse período médico-histórico da China, Japão, Arménia, Pérsia e Índia no tocante ao exercício da profissão médica, à assistência hospitalar, à Higiene Geral, à Climatologia, à Hidrologia e à Epidemiologia, à Patologia Geográfica, às doutrinas patológicas e terapêuticas, como escreveu alguém. Dos contactos havidos com a Ásia, a América, a Oceânia, surgiram no mundo científico, mormente nas Ciências Naturais, figuras de elevado merecimento, como Tomé Pires, Garcia de Orta, Cristóvão da Costa, António Galvão, Gabriel Rebelo, Mendes Pinto, Gandavo, Soares de Sousa, os padres Cardim e Nóbrega, etc..

Carlos Clúcio é o nome dado no séc. XVI ao célebre botânico Charles de Lécluse. A ele dedicou um valioso estudo Augusta Gersão Ventura, intitulado «Clúcio — Portugal e os Portugueses nas suas obras», in *Petrus Nonius. Anuário de História das Ciências* (1937). Clúcio traduziu para latim a obra de Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples e das Drogas* (Goa, 1563, em português), com o título de *Aromatum et Simplicium Aliquot Medicamentorum apud Indos Nascentium Historia* (1567; reed., Lisboa, 1964). Assim se deu enorme divulgação pela Europa culta de então ao importante livro do grande cientista português, que mereceu aos portugueses Conde de Ficalho, Silva Carvalho e Maximiano de Lemos, entre outros, especial atenção. Clúcio nasceu em Arras em 1526 e faleceu em Leiden em 1609. Esteve em Portugal entre 1560 e 1565, tendo então colhido informações acerca da nossa flora. Maximiano de Lemos na sua obra *História da Medicina em Portugal* (Lisboa, 1899, reed. em 1991) escreve: «Diz-se que, viajando em Portugal, encontrou numa estalagem de aldeia ou teve ensejo de examinar em Lisboa um exemplar dos Colóquios dos Simples. Devia dar-se isto em 1564 ou princípios de 1565. Clúcio viu logo o interesse que esse livro possuía e resolveu traduzi-lo, o que realizou, publicando em 1567 a primeira edição da sua versão. Mas é realmente uma versão? Não é; é um resumo, um epitome, como ele próprio diz». Acrescenta ainda a ilustre historiadora Augusta Gersão Ventura: «A acolhida feita ao livro de Clúcio foi excelente, e bem demonstra o interesse que então se ligava às explorações científicas do Oriente. Em poucos anos consumiram-se cinco edições, e fizeram-se traduções em diferentes línguas». Clúcio verteu ainda para latim outro importante livro

Servimo-nos de dois dos melhores léxicos hebraicos, da autoria de Franciscus Zorel e de Kohl-Baumgartner, do texto masorético na edição de R. Kittel, da versão latina da Vulgata, das traduções alemãs de Lutero e da *Biblia Hebraica mit deutscher Übersetzung*, e das francesas da École Biblique de Jerusalém (Bíblia de Jerusalém) e da *Traduction Oecuménique de la Bible*, as quais não se afastam muito do que encortamos nas versões referidas atrás. Também as antigas, como a dos LXX, e as Políglotas, não contêm elementos de relevante importância, embora merecessem uma consideração especial³.

Consultámos diversos léxicos portugueses, como os de Morais, Cândido de Figueiredo e José Pedro Machado, o *Glossário luso-asiático* de Sebastião Dalgado, o espanhol de Joan Corominas e o de Joseph Nehama, *Dictionnaire du Judéo-Espagnol*. E ainda a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* e as importantes obras *Reallexicon für Antike und Christentum* e o *Bibel-Lexikon* de H. Haag, entre outros⁴.

português do médico Cristóvão da Costa, *Tractado de las Drogas*, escrito em 1578, que trata das produções indianas, orientais. Augusta Gersão Ventura resume assim as suas conclusões acerca do papel desempenhado por Clúcio na divulgação da obra de Garcia de Orta: «I) — O valor de Clúcio provém do seu saber e do seu invulgar espírito de observação, patenteado principalmente na *Rariorum Plantarum Historia*, Antuérpia, 1601, obra que só sua é. II) — Da sua vasta obra de vulgarização faz parte o resumo latino dos Colóquios e é essa a razão de não terem ficado esquecidos o livro e o autor, cujo nome figura sempre nos frontispícios das várias edições desse resumo latino. — III) Através de toda a obra aparece sempre a amizade do botânico a Portugal e aos Portugueses. Portanto: carece de fundamento e representa, ainda para mais, uma injustiça flagrante, a asserção de que Clúcio criou nome e ganhou fama à custa de glória dum português».

³ Franciscus Zorel, S. J., *Lexicon Hebraicum et Aramaicum Veteris Testamenti*. Roma, 1960; L. Koehler-W. Baumgartner, *Lexicon in Veteris Testamenti Libros*. Leiden, 1958; R. Kittel, *Biblia Hebraica*. 3.^a ed., Estocarda, 1929-37; M. Lutero, *Biblia Germanica*. 1545. *Die Bibel in deutscher Übersetzung Martin Luthers*. 2.^a ed., Estocarda, 1980; *Biblia Hebraica mit deutscher Übersetzung*. Estocarda, 1974; *La Sainte Bible traduite en français sous la direction de l'École Biblique de Jérusalem*. Paris, 1961; *Traduction Oecuménique de la Bible. Édition intégrale*. Paris, 1977.

⁴ Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado foi um sacerdote erudito, orientalista de grande reputação e professor do Curso Superior de Letras de Lisboa. Nasceu em Assagão (Índia) a 8 de Maio de 1855 e veio a morrer em Lisboa a 4 de Abril de 1922. Estudou em Goa e no Seminário de Rachol e, ordenado sacerdote, doutorou-se em Roma nas Faculdades de Direito Canónico e Romano, na Universidade de S. Apolinário. Recebeu a distinção de capelão honorário do Papa com o título de Monsenhor. Veio depois para Lisboa e daqui seguiu em 1885 para a Índia como missionário régio. Ali exerceu importantes cargos, como o de ins-

Pela análise das várias obras consultadas, conclui-se pela enorme dificuldade em encontrar um consenso acerca da definição dos vocábulos estudados. Pelos menos quanto a alguns.

Por outro lado, é de salientar a grande antiguidade dos termos considerados, o que contraria profundamente as explanações, tantas vezes fornecidas, segundo as quais a origem destas palavras remonta apenas ao grego. Como se verá, os vocábulos em causa têm uma história muito longa: já estavam em uso nas culturas pré-clássicas do Oriente Antigo: no Egipto, na Assíria e Babilónia, em Ugarit, etc. E foi por via bíblica, através dos textos do Antigo Testamento, que

pector dos Seminários e Escolas do Padroado Português, professor do Seminário de Rachol, vigário-geral de Ceilão, etc. Extinto o Padroado Português do Oriente, regressou a Goa, e em 1895 veio para a Metrópole, tendo iniciado então a superintendência da publicação do Dicionário Concani-Português, que ficou concluída em 1904. Em 1907 foi nomeado professor de sânscrito do Curso Superior de Letras e eleito sócio da Academia das Ciências. Criada a Faculdade de Letras, foi-lhe conferido o título de doutor em Letras, fazendo parte da Faculdade desde 1917 como lente de sânscrito. Tendo sofrido da amputação das pernas, continuou por deferência especial da Faculdade de Letras a leccionar em sua casa. E no leito continuava a escrever os seus trabalhos e a celebrar missa. Nas vésperas da morte foi eleito sócio efectivo da Academia das Ciências, pela vaga deixada por Anselmo Braamcamp Freire. Era também sócio de diversas Academias estrangeiras, membro honorário da Sociedade Asiática e sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa e do Instituto de Coimbra. — Entre a sua vasta bibliografia, salientamos: *Hitopadexa ou Instrução útil*, versão portuguesa do original sânscrito, Lisboa, 1897; *Dialecto indo-português de Ceilão*, Lisboa, 1900; *Dicionário concani-português*, Bombaim, 1893; *Dicionário português-concani*, Lisboa, 1905; *Dialecto indo-português do norte (Bombaim e súbdios)*, Lisboa, 1906; *Influência do vocabulário português em Línguas asiáticas*, Lisboa, 1913; o monumental *Glossário luso-asiático*, Lisboa, 1919-1921 (2 vols.), mandado publicar pela Academia das Ciências; *Primeiro plano da celebração do Centenário da Índia*, traduzido em concani, incumbência da comissão executiva, em 1897; *Dialectos indo-portugueses de Goa e de Ceilão*, 1900; *Dialecto indo-português de Damão*, 1903; *Influência de vocabulário português nas línguas asiáticas*, 1913; *Contribuição para a lexicologia luso-oriental*, 1915; *História de Nala e Damavanti*, (Episódio de Mahabharata), 1916; *Dialecto indo-português de Negapatão*, 1917; *Gonçalves Viana e a lexicologia portuguesa de origem asiática e africana*, 1917; *Rudimentos de língua sânscrita*, 1920; *Berço de uma cantiga em indo-português*, 1921; *Provérbios indianos*, em impressão quando faleceu. — Algumas das outras obras referidas: Joseph Nehama, *Dictionnaire du Judéo-Espagnol*. Madrid, 1987; *Reallexicon für Antike und Christentum*. Estocarda, 1950 ss.; H. Haag, *Bibel-Lexikon*. Zurique-Colónia, 1956; J. Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 2.ª ed., 3 vols.. Lisboa, 1967-73; Id., *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 13 vols., Lisboa, 1989.

eles chegaram até nós, passando pelo grego, latim e árabe. Isto verifica-se, pelo menos, em grande número de casos.

A palavra «aloés» aparece na Sagrada Escritura nos seguintes passos: Prov. 7, 17, Cant. 4, 14 e Jo. 19, 39. Lê-se em Prov. 7, 17: «Aspersi cubile meum myrrha, et aloe, et cinnamomo»; e em Cant. 4, 14: «Nardus et crocus, fistula et cinnamonum, cum universis lignis Libani; myrrha et aloe, cum omnibus primis unguentis». No Novo Testamento (Jo. 19, 39) refere-se esse termo ao falar-se da sepultura de Jesus: «Venit autem et Nicodemus, qui venerat ad Iesum nocte primum, ferens mixturam myrrhae et aloes, quasi libras centum».

O vocábulo hebraico que exprime o nosso aloés é אֶהְלוֹת.

plural feminino. Segundo Kohl-Baumgartner a sua proveniência é o sanscrito *aghal* e a sua tradução alemã e inglesa é, respectivamente, «Aloeholz» e «aloe wood». De acordo com Immanuel Löw na obra *Die Flora der Juden*, vol. I, pág. 646, a designação científica é esta: «Aloexyllon Agallochum Louv. u. Aquilaria Agallocha Roseb», ambos da Índia. De notar, contudo, que o autor sagrado no Sal. 45, 9 empregou igualmente o feminino ao exprimir o que a Vulgata traduziu por «gutta». Lê-se aí: «Myrrha, et gutta, et casia a vestimentis tuis, a domibus burneis; ex quibus delectaverunt te». Aliás também *Das Alte Testament Hebräisch-Deutsch* traduziu por «aloés»: «Deine Kleider sind lauter Myrrhe, Aloe und Kassia ...». O mesmo fez a «Bíblia de Jerusalém»: «da myrrhe et l'aloés coulent de tes habits ...». E a *Traduction Oecuménique de la Bible* igualmente se serviu de «aloés» para o mesmo efeito: «Tes vêtements ne sont que myrrhe, aloés et canelle ...».

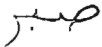

José Pedro Machado diz tratar-se do latino *älðēs*, genitivo de *älðē*, por sua vez do grego *ἀλοής*; como nominativo, documenta-se aquela forma a partir do séc. VI, ao lado de *älðē*. Sebastião Dalgado diz que «o lenho *aloés* ou a *águila* não tem nenhuma relação com esta droga», I, p. 27 (cf. também I, p. 521). Mas etimologicamente a origem dever ser a mesma.

O *Bibel-Lexikon* admite a hipótese de se tratar de um termo de origem indiana e dá-lhe a seguinte explicação: «... Wohlriechende Spezerei für Kleidung, Bett und Leichentuch verwendet».

Garcia de Orta fala do aloés logo no início do seu livro *Colóquios dos Simples e das Drogas da Índia*, referindo-se à sua equivalência grega e latina (aloes, aloa), árabe (cebar), castelhana (acibar) e portuguesa (azevre), dizendo ainda que os Guzarates e os Decanins lhe chamam «areá».

O Conde de Ficalho, comentando o insigne autor quinhentista, escreve: «Pelo que diz respeito aos nomes vulgares é o nosso auctor bastante exacto:

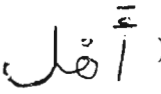
«Os conhecidos nomes, grego *ἀλοής* e latino *aloe*, parecem derivar do syriaco *alwai*, e foram provavelmente introduzidos pelos mercadores, que em tempos antigos traziam esta droga do Oriente para a Grécia.

— «Cebbar» é a transcrição correcta para o nosso alfabeto do arábico , do qual, junto ao artigo, , açç-cebar, veio a palavra hespanhola *acibar*, e as antigas designações portuguezas *azebre* e *azevre*».

Cita para cada uma das explicações diversos autores, como Sprengel, Clusius, Dozy e Fr. João de Sousa.

Já em Prov. 7, 17 a situação é outra. Em vez do plural feminino depara-se-nos o plural masculino: אֶהָלִים. Em Kohl-Baumgartner

diz-se que se trata do mesmo e explica que em alemão se diz «Aloeholz» (em inglês «aloewood»). Trata-se de um «hapaxlegomenon» na Sagrada Escritura. O mesmo vocábulo hebraico aparece em Núm. 24, 6 mas com a significação de «Eiskraut» que a Vulgata traduziu por «tabernacula». O contexto é este: «Ut tabernacula quae fixit Dominus, quasi cedri prope aquas». O já referido *Das Alte Testament Hebräisch-Deutsch*, por seu turno, entendeu desta forma: «Wie die Aloebäume, die der Herr pflanzt», a que se segue logo: «wie die Zedern an den Wassern». A *Traduction Oecuménique de la Bible* também interpretou assim: «(elles (les tentes) se répandent comme des torrents; pareils à des jardins au bord d'un fleuve, à des alès plantés par le Seigneur, à des cèdres au bord de l'eau».

O facto de a Vulgata ter traduzido por «tabernacula» deve-se a o seu autor ter confundido com אֶהָלִים que, efectivamente, significa «tenda», «tabernaculum». O termo encontra-se já em ugarítico ('hl) e depois em fenício, árabe () e assiro-babilónico.

Diremos, em conclusão, que o vocábulo «aloés» aparece no texto bíblico hebraico em todos os lugares apontados, apesar de a Vulgata nem sempre assim o ter entendido.

O termo «bdélio» (בְּדֶלִיחַ) encontra-se em Gen. 2, 12 e em Núm. 11, 7. No primeiro dos referidos passos lê-se: «et aurum terrae

illius optimum est: ibi invenitur bdellium, et lapis onychinus»; no segundo «Erat autem man quasi semen coriandri, coloris bdellii».

Em Kohl-Baumgartner diz-se que a forma grega é *βδέλλιον* e a latina *bdellium*; a origem é acádica (*budulhu*); e dá a seguinte explicação: «d. wohlriechende, gelbliche, durchscheinende Harz der in Sudarabien heimischen». A tradução alemã é «Bdellionharz»; a inglesa é «bdellium-gum».

José Pedro Machado diz que é «uma espécie de palmeira; a goma que ela segrega», e aduz um texto do séc. XIV: «Incenso colofonia, *bdellio* (António Cruz, *Recopilação de Cirurgia*, p. 50)».

A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* diz que é «uma espécie de goma-resina da África e da Índia, outrora empregada na composição de ceros emplastos». Em Botânica significa uma resina extraída, segundo alguns autores, do *Balsamodendron africanum* (a *Hendelotia africana* ou a *Commiphora abyssinica*). E acrescenta que esta resina, outrora muito utilizada em Medicina, caiu em desuso. E que alguns autores mencionam como planta produtora do bdélio no Sul africano a *Cerardia fuacata*, da família das compostas.

Carlos Clúcio refere-se ao «bdélio». Diz que o fruto do bdélio é do volume duma noz, ou mesmo maior, de forma triangular, um pouco mais comprido, e aproximando-se da forma do figo, aromática, de cor de cinza, de ramagem muito dura, o qual parece estar prenhe e conter um caroço. E aduz os autores Avicena, Dioscórides e Plínio. Este último diz que a árvore é negra, do tamanho da oliveira e da folhagem do carvalho, com o fruto e natureza da figueira brava.

A *Bíblia de Jerusalém* e a *Traduction Oecuménique de la Bible* traduzem também por «bdellium», dizendo que se trata de uma resina de uma árvore da Arábia.

Lutero traduz por «Bedellion» e *Das Alte Testament Hebräisch-Deutsch* por «Bedolachharz».

A célebre obra *Reallexicon für Antike und Christentum* (vol. II, pp. 34-35) traz uma descrição pormenorizada do «bdélio». Por ela podemos acompanhar o emprego do termo na literatura não cristã, como, por exemplo, em Celso, Plínio e Dioscórides, e na cristã. Primitivamente devia ser uma pedra preciosa. É o sentido que se tira dos passos bíblicos aduzidos. O Papiro de Oxirinto 1142, 3, refere-se ao «bdélio», ao lado de *ῥύνξ*, o que sucede com o texto do Gen. 2, 11 (na região de Hevila havia ouro, bdélio e a pedra de onixo). Na Idade Média são dignas de análise as explicações dadas por S. Jerónimo e por S. Agostinho.

O termo «canela» (hebr. קָנְיָה) encontra-se no texto hebraico em várias passagens (Ex. 30, 23; Jer. 6, 20; Is. 43, 24). Mas o sentido que nos interessa é o de Cant. 4, 14. A Vulgata traduziu assim: «Nardus et crocus, fistula et cinnamomum», ou seja, onde em hebraico está קָנְיָה, o autor da versão latina traduziu por «fistula».

Kohl-Baumgartner diz que em ugarítico é *qn(m)* (Schilfrohr) em acádico *qanu*; em fenício קָנְיָה; em judeo-aramaico e em siríaco קָנְיָה; em árabe قنا, em grego κάνα e em latim *canna*; também aparece em etíope. E fornece as várias versões possíveis para alemão e inglês.

Das Alte Testament Hebräisch-Deutsch verte por «Kalmus» («Narde und Safran, Kalmus und Zimt»). A *Traduction Oecuménique de la Bible* traduz «cannelle» («du nard et du safran, de la cannelle et du cinnamome»). A *Biblia de Jerusalém* por «roseau odorant» («le nard et le safran, le roseau odorant et le cinnamome»).

A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* apresenta uma larga explicação deste vocábulo. Trata-se, lê-se aí, da casca aromática da caneleira, empregada como condimento e em terapêutica, e proveniente em grande parte do Oriente. Aduz textos de Afonso de Albuquerque e de outros autores. E refere as várias espécies de «canela».

Lê-se no *Bibel-Lexikon* acerca deste vocábulo: «... neben anderen wohlriechenden Stoffen, aus Arabien eingeführt und in Tyrus gehandelt (Ez. 27, 19), wohl nicht der gewöhnliche Kalmus (*alorus calamus*), sondern ein Rohr oder Gras aus Vorderindien (*cyonbopogon*)».

Garcia de Orta também trata da canela. Começa por falar das fábulas de Heródoto, de Alepo como empório da Síria, do comércio, da história da canela, etc.. O Conde de Ficalho analisa os nomes referidos por aquele cientista acerca do vocábulo canela: cássia (κασία ou κασσία) e cinamomo (κιννάμωμον ou κιννάμωμ), que, escreve, «são geralmente derivados das duas palavras hebraicas, que se supõe terem designado as mesmas substancias, קָנְיָה e קָנְיָה». Outros

termos explicados pelo Conde de Ficalho são «salihacha» (*cassia lignea*), (سليخة); «darchini» (de origem persa, equivalendo ao

árabe (دارصيني); «querfá» ou «querfé» (قرفة), que significa casca, sendo frequentemente associado a darsini, do que resulta a

expressão *qerfah ed-darsini*, a casca do pau da China; é o nome especial para designar a canela, pelo que se diz muitas vezes *qerfah*, a casca por excelência: «caismanis» e «caismão», que é nome malaio; «cuurdo», termo usado no Ceilão; e «cameá», vocábulo utilizado no Malabar.

A palavra «cominho» (hebraico כַּמְוִן) aparece no texto bíblico em Is. 28, 25 e 27. Aí se lê na versão da Vulgata: «Nonne cum adaequaverit faciem eius, seret gith et cymi sparget? Et ponet triticum per ordinem, et hordeum, et milium, et viciam in finibus suis?». E no v. 27: «Non enim in sertis triturbabitur gith, nec rota plaustrum super cyminum circuibit; sed in virga excutietur gith, et cyminum in baculo».

A Bíblia de Jerusalém emprega também três vezes a palavra «cumin». *Das Alte Testament Hebräisch-Deutsch* traduz por «Kummel». Lutero emprega apenas duas vezes aquele termo.

Em Kohl-Baumgartner encontramos a seguinte explicação: em hebraico pós-bíblico aparece a forma כַּמְוִן; em ugarítico *Kmn*;

em acádico *kamunu* (segundo Hech. Zimmern, *Akkadische Fremdwörter*, 2.^a ed., 1917, p. 57); em sumério *gamun*; em púnico e em judeo-aramaico *χάμων* e כַּמְוִן; encontra-se também representado em

siriaco, árabe, etíope, grego (κόμινον) e latim (*cuminum*). Em alemão traduz-se por «Kummel» e em inglês por «cummin». Cientificamente é o «cuminum cyminum». Löw na sua obra *Die Flora der Juden*, 3, 435-437, trata desta planta. Na Bíblia é um hapaxlegomenon.

No *Bibel-Lexikon* lê-se o seguinte acerca de «Kümmel»: «... neben *Kesah* (Dill) aufgeführt, Gewürz, vom vernünftigen Landmann planmäßig ausgesät und gedroschen. K. und Dill wurden ausgeklopft».

José Pedro Machado aduz um texto de Virgínia Rau, *Subsídios para o estudo das Feiras Medievais Portuguesas* (Lisboa, 1943), em que se fala do «cominho»: «... venda em sa casa manteiga. azeite. mel. vinagre. e Castanhas. e nozes. *Comynos*. pimenta ...». Data de 1369. Por via arábica, surgiram as formas *acamonia*, *alcamonia*, *comonia*, *camonia*. Bluteau refere-se a esta palavra.

Garcia de Orta, ao falar de cálamo aromático, fala do âmio e acrescenta que este é um cominho rústico.

O termo «cássia» (hebr. קַצְיֵאוֹת, קַצְיֵאָה, forma plural) encontra-se no texto bíblico apenas em Sal. 45, 9. A Vulgata traduz assim: «Myrrha, et gutta, et casia a vestimentis tuis, a domibus eburneis;

ex quibus delectaverunt te filiae regnum in honore tuo». Aliás, a Vulgata emprega também o mesmo vocábulo em Ex. 30, 24: «... casiae autem quingentossiclos in pondere sanctuarii ...», traduzindo, por conseguinte, קָסְיָא por «cássia».

Em Kohl-Baumgartner lê-se que a palavra hebraica encontra a sua correspondente grega *κασία* e que a sua significação é «Kassia, Zimtbütten *cassia* (die für Raucherwerk getrockneten Blüten von Arten *flowers dried for incense of species of Cassia*», citando Löw 2, 113 ss. A forma singular hebraica aparece em Job 42, 14, designando uma «filha de (Job)».

Das Alte Testament Hebräisch-Deutsch traduz assim o texto do Saltério: «Deine Kleider sind lauter Myrrhe, Aloe und Kassia; aus Elfenbeinpalasten erfreut dich Saitenspiel». Lutero, por seu turno, verte deste moto: «Deine Kleider sind eitel Myrrhen Aloes und Kezia. Wenn du aus den Elffenbeinenpallasten da her trittest in deiner schönen Pracht».

A *Traduction Oecuménique de la Bible* apresenta a tradução: «Tes vêtements ne sont que myrrhe, aloès et cannelle. Sortant des palais d'ivoire, des mélodies te réjouissent». Em Ex. 30, 24 encontra-se também a versão «cássia», ao lado de mirra, cinamomo e canela.

José Pedro Machado diz que provém do grego *Kássia* (que coexistia com *Kasia*, forma preferível) e significa «falsa-canela, loureiro-cássia». Em latim *cassia*, «menos vulgar que casia, mesmos sentidos que em grego». E aduz um texto do séc. XIV: «Outrosy o engoento santo per mandado de Deus era feito de quatro specias, a saber: de mirra primeira, e de canella, e de *cassia*, e de calamo» (*Inéditos Alcobacenses*, II, p. 132). Também Sebastião Dalgado se refere ao termo «cássia».

O *Reallexikon für Antike und Christentum* começa por dizer: «Was die Alten unter S. verstanden haben, ist nicht leicht zu sagen»; fornece, como sempre sucede, abundante bibliografia.

Também a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* apresenta uma explicação extensa deste termo.

Garcia de Orta igualmente refere este produto, dizendo logo no início: «Parecia-me inútil discorrer aqui sobre esta árvore, que vulgarmente chamam cássia-fístula, visto o medicamento ser muito conhecido por todos, se não fosse a controvérsia sobre o nome que lhe foi mal aplicado por Gerardo Cremonense, o qual (como atrás dissemos) era preferível deixasse intactos os nomes arábicos, dando ocasião a interpretações más e a caluniar os Árabes, que são os mais dignos

de louvor do que de vitupérico, eles que nos legaram a nós o conhecimento dum medicamento tão nobre, tão prestável, tão necessário à saúde humana».

Aponta os nomes por que é conhecida a cássia, diz como nasce, dá a sua história (do tamanho da pereira) e escreve que cresce em todas as províncias; «mas que a melhor e mais durável nasce nos lugares voltados mais para o Setentrião, como em Cambaia. Encontra-se no Cairo, em Malaca, no Sião e em toda essa área».

O *Bibel-Lexikon* sintetiza assim o significado do termo «cássia»: «neben Myrrhe und Aloe, nicht die innere Rinde des *laurus cassia* (die den Zimt oder Kanel ergibt), sondern dessen getrocknete Blüten, Name einer der Töchter Jobs (42, 14; *vid.* Schminke)».

A palavra «chipre» (hebraico כִּפְרִי) encontra-se no Cant. 1, 14;

4, 13 e 7, 12. As versões portuguesas da Bíblia empregam esse termo. A *Bíblia de Jerusalém* traduz assim, respectivamente, os passos onde ocorre o dito vocábulo: «Mon Bien-aimé est une grappe de cypre, dans les vignes d'En-Gaddi»; «Tes jets font un verger de grenadiers et tu as les plus rares essences», dizendo que o texto hebraico acrescenta: «des cypres et des nards»; «Viens, mon Bien-aimé, allons aux champs! Nous passerons la nuit dans les villages», não empregando aqui o termo «chipre».

Das Alte Testament Hebräisch-Deutsch verte do seguinte modo: «Mein Freund ist mir eine Traube von Zyperblumen in den Weingarten von En-Gedi» (1, 14); «Du bist gewachsen wie ein Lustgarten von Granatapfeln mit edlen Früchten, Zyperblumen mit Narden» (4, 13); «Komm, mein Freund, lass uns aufs Feld hinausgehen, und unter Zyperblumen mit Narden» (4, 13); «Komm, mein Freund, lass uns aufs Feld hinausgehen, und unter Zyperblumen die Nacht verbringen» (7, 12).

José Pedro Machado, sob o termo «chipriota», fala da «alfena», «planta cheirosa da ilha de Chipre, Síria e Egipto, e cuja flor ou o suco eram empregados na preparação de certo óleo, ou de alguns perfumes ou unguentos». Daí o dizer-se «o óleo extraído daquela planta». A origem é grega.

No *Dictionnaire du Judéo-Espagnol* de Joseph Nehama refere-se «cipro» como sendo uma «variété d'eau-de-vie, originaire de Chypre».

Em Kohl-Baumgartner dá-se a seguinte explicação deste vocábulo: aparece em hebraico pós-bíblico na forma כִּפְרִיָּה, em siríaco e

em etíope; a raiz כפר significa «beschmierea» «(bes) untar» e daí «colorir»; o plural כפרים é traduzido em alemão por «Henna», plural «Hennabluten» (em inglês «flowers of hona»). Cientificamente é a *Lawsonia alba*, conforme se pode ver em Löw, in *Zeitschrift für Semitistik*, I, 136 ss., e por Gustaf Dalman, *Arbeit und Sitte in Palästina*, 5, 353. E fornece esta explicação: «in Palästina noch wild, Strauch mit Blütenstam mit aufwärts gerichteter Traube»; «Laws. inermis u. spinosa; Faberpflanze, mit der man Haare, Nagel, Finger u. Zehen orange-gelb färbt».

Acerca deste vocábulo (Zyperblume) lê-se no *Bibel-Lexikon*: «(*Lawsonia alba Boissier*; hebr. *Köfer*), heute nur noch bei En-Gedi Wachsende Staude, mit wohlriechenden weissen und gelben Blüten. Aus den Blättern wird die rote Henna (arab. *hennā*) gewonnen, mit der sich die orientalischen Frauen die Haare, das Innere der Hand und die Nägel rötlich färben. Hl. 1, 14; 4, 13 vergleicht die Geliebte mit einer Zyperblume, Hl 7, 6 ist vielleicht das Haupthaar der Geliebten mit Henna rot gefärbt».

A mesma palavra hebraica כפר pode significar ainda: «aldeia», «pintura» e «suborno».

Cândido de Figueiredo refere o termo «cipre» como significando «perfume de Chypre?» e aduz uma passagem da *Crónica de D. Fernando*, cap. XLIX: «... afora saias, cotas e cipres de dona ...».

O termo «cinamomo» encontra-se no texto bíblico cinco vezes: em Ex. 30, 23 e em Prov. 7, 17, Cant. 4, 17, Ecli. 24, 20 e Apoc. 18, 13. São passagens que já vimos quando falámos de «aloés».

O *Lexicon in Veteris Testamenti Libros* de Kohl-Baumgartner explica que a palavra hebraica קינמון tem a sua correspondência em judeo-aramaico e siríaco em קינמא e que a sua origem é indiana ou malaia. Em estado construto apresenta a forma de קינמן.

Seria o chinês «Zimt» (em inglês *cinnamon*). Löw na sua obra *Die Flora der Juden* (vol. I, 107 ss.) desenvolve o significado deste vocábulo.

O *Bibel-Lexikon* fornece a seguinte explicação: «Zimt (hebr. *Kinnāmōn*), abgeschälte innere Rinde des ceylonischen Zimtbaums, wird verwendet bei der Bereitung des heiligen Salböls (Ex. 30, 23) und — wegen seines Wohlgeruchs — zum Parfümieren, z.B. eines Bettes (Spr. 7, 17). Mit Zimt werden verglichen die Geliebte des Hl (4, 14) und die Weisheit (Sir 24, 25). Offb 18, 13 wird Zimt unter den Handelswaren Babyloniens aufgeführt».

José Pedro Machado explica o termo «cinamomo» dizendo que é o mesmo que «cínamo», cuja origem é o grego *kínnamon* que significa «caneleira», tendo passado para o latim *cinnamu* — ou *cínnamon*, «caneleira» ou «canela». A forma mais corrente, diz, é «cinamomo», do grego *kinnámon*, «cínamo, caneleira», pelo latim *cinnamonu*, «caneleira, canela». E aduz um texto do *Orto do Esposo*, I, cap. 4, p. 19: «Asy como o *cynamomō* e o balsamo dey en odor...».

Os nossos dicionários dizem que se trata de um aroma de canela (casca de caneleira) ou de um mineral (silicato complexo) cor de canela, que cristaliza no sistema cúbico, ou ainda da canforeira.

Garcia de Orta desenvolve bastante o capítulo dedicado à «canela» e aí se refere ao «cinamomo». Vejamos algumas passagens. Começa por dizer que estes aromas eram outrora procurados através de caminhos tão longos e difíceis que não foi fácil aos antigos conseguir um verdadeiro conhecimento deles. Daí resultou o facto de terem sido compostas as mil fábulas que Heródoto dá como verdadeiras. E acrescenta que, porque o preço era elevado, a avidez do lucro nos homens ainda maior, «adulteravam-se os aromas e por esta razão acontecia que lhes eram dados nomes diferentes, embora quase sempre fossem do mesmo género». Fala a seguir do seu comércio, começando por dizer que os que a transportavam para Ormuz e para a Arábia eram chineses; depois era levada por outros negociantes de Ormuz para Aleppo, «empório conhecidíssimo de toda a Síria».

Contrariamente ao que se afirmava, escreve Garcia de Orta que nem a cássia nem o cinamomo nascem na Etiópia ou nos países árabes. Foi o que constataram os navegantes portugueses que nunca a viram naquelas costas e os próprios árabes procuravam a dita canela. Entretanto, no seu relato dá o testemunho de médicos amigos, homens eruditos, árabes, turcos e corações, os quais dão o nome de cássia-lígnea a toda a canela grossa.

Diz mais o referido autor que a cássia-lígnea é chamada *Salihacha* pelos árabes, persas e índios, e que entre estes últimos não há nenhuma distinção entre a canela e a cássia, concluindo: «Para dizer a verdade nunca ninguém viu a diferença entre a cássia e a canela».

A canela de Ceilão é superior à de outras proveniências, escreve logo a seguir Garcia de Orta. Os habitantes de Ormuz que compravam esta canela aos chineses chamaram-lhe por isso «Darchini», que em persa quer dizer madeira chinesa. Mas, ao levarem-na para Alexandria, davam-lhe o nome de cinamomo, que significa madeira aromática como se fora o amomo trazido da China. E à canela inferior que fora trazida do Malabar e de Java deram o mesmo nome que

tem em Java, isto é, «Cains manis», que significa madeira doce em língua malaia (corrompido o termo, os gregos disseram «Cássia»), dando dois nomes ao mesmo produto.

Alude depois aos diversos nomes dados por Avicena, Razi e outros autores árabes. Refere os termos «Darchini», «Querfaa» e «Querfe», «Darsihahan», «Cuurdo», «Cains manis», «Cameaa», que são vocábulos árabes, ceiloneses, malaios e malabarenses. Aconselha Manardo e os Comentários de Matiolo, os quais provam com muitos argumentos que a nossa canela é a verdadeira cássia. Mas, afirma que se enganam quando dizem que não se encontra o cinamomo, «pois que cássia, cinamomo e a nossa canela são um e o mesmo medicamento».

Laguna anotou que observou na Casa da Índia, em Lisboa, todas as espécies de cinamomo descritas pelos antigos. Mas, segundo Garcia de Orta, na Índia só existem duas, a que nasce em Ceilão e a que nasce em Java e no Malabar; a que se carrega para Lisboa é inteiramente de Ceilão.

Desenvolvidamente descreve a história da canela: «O cinamomo ou árvore da canela é da grandeza da oliveira, às vezes mais pequena, provida de muitos ramos, não tortos mas muito direitos: as folhas da cor das de loureiro, mas na forma aproximando-se das folhas de cidreira (não das folhas de íris, segundo escreveram alguns, fabulosamente), com flores brancas e de fruto negro e redondo, do tamanho da avelã e parecido com azeitonas pequenas. Mas a canela é a segunda e interior casca da árvore, pois que esta árvore possui duas cascas como a árvore do sobreiro, não tão grossa e diferente. A casca arrancada é limpa da grossa e exterior e depois cortada por meio de lâminas pequenas quadrangulares é deitada no chão e de tal maneira se enrola por si, que parece a casca inteira de um tronco, sendo afinal partes enroladas em tubos pequenos da grossura de um dedo, mas o tronco é da grossura de uma coxa. Com o calor do sol contrai uma cor de rosa, ou de vinho cinzento; a que não é bem preparada torna-se branca ou cor de cinza e a que é muito queimada pelos ardores do sol fica negra. Depois da casca tirada não se toca na árvore durante três anos».

Após dizer que a árvore da canela é silvestre, escreve que não existe nenhuma na América nem na China. A melhor é a de Ceilão, superior à do Malabar.

A raiz da canela destila um líquido que cheira a cânfora e o rei proibiu que se estragassem as raízes para não morrerem as árvores. A água é extraída das flores por meio de utensílios de chumbo ou de vidro, água que em fragrância e aroma é inferior à que é tirada das cascas ainda não secas.

Aquele líquido é util para muita coisa: combate a fraqueza do estômago, acalma as dores da cólica provenientes duma causa fria como quase sempre experimentei, escreve, melhora a cor da face e o hálito da boca é muito bom para cozinhar e tornar os alimentos mais saborosos. Dos frutos da canela extrai-se um óleo, como das azeitonas, como sebo, e parecido com o sabão gálico, sem cheiro, a não ser que seja aquecido; às vezes cheira um pouco a cinamomo. E diz que usam dele contra o excesso do frio do estômago e dos nervos.

Carlos Cú시오 no aditamento que faz ao texto de Garcia de Orta, entre outras coisas diz que viu dois raminhos de cinamomo na Bélgica e que Ludovico Romano faz uma descrição do cinamomo ou da canela quase igual à do nosso autor.

A *Biblia de Jerusalém* utiliza o termo «cinamomo» em Ex. 30, 23 («Procure-toi des parfums de choix: cinq cents sicles de cinnamome odorante — soit deux cents cinquante sicles — et deux cents cinquante sicles de roseau odoriférant». São palavras de Deus a Moisés); em Prov. 7, 17 lê-se: «J'ai aspergé ma couche de myrrhe, d'aloës et de cinnamome» e em Cant. 4, 14: «le nard et le safran, le roseau odorant et le cinnamome, avec tous les arbres à encens; la myrrhe et l'aloës, avec les plus fins aromes».

Das Alte Testament Hebräisch-Deutsch fez as seguintes versões: «Nimm dir die beste Spezerei: die edelste Myrrhe, fünfhundert Lot, und Zimt, die Hälfte davon, zweihundertundfünzig, und Kalmus, auch zweihundertundfünzig Lot» (Ex. 30, 23); «Ich habe mein Lager mit Myrrhe besprengt, mit Aloe und Zimt» (Prov. 7, 17); «Narde und Safran, Kalmus und Zimt, mit allerlei Weihrauchstrauchern, Myrrhe und Aloe, mit allen feinen Gewürzen» (Cant. 4, 14).

Lutero na sua *Biblia* empregou o vocábulo «cinamomo». Em Ex. 30, 23 lê-se: «Nim zu dir die besten Specerey, die edlesten Myrrhen fünfhundert (sekel) und Cynnamet die hellft so viel zwey hundert und fünfzig und Kalmes auch zwey hundert und fünfzig»; em Prov. 7, 17: «Ich habe mein Lager mit Myrren, Aloes und Cinnamen besprengt».

O termo «gálbano» (hebr. חֶלְבָנָה) é outro hapaxlegomenon no texto hebraico da Sagrada Escritura. Apenas se encontra em Ex. 30, 34, lendo-se na Vulgata: «Dixitque Dominus ad Moysen: Sume tibi aromata, stacten et onycha, galbanum boni odoris, et thus lucidissimum, aequalis ponderis erunt omnia». A *Biblia de Jerusalém* traduziu por «galbanum», o mesmo fazendo *Das Altes Testament Hebräisch-Deutsch*. Lutero verteu por «Galben».

Em Kohl-Baumgartner encontramos esta explicação: a raiz é **קָלִב** que significa «leite»; aparece em hebraico pós-bíblico, judeo-aramaico, siríaco, grego (*χαλβανη*) e latim (*galbanum*). O gálbano é assim descrito: «Harz von 3 Ferula-Arten, riecht übel, Teil des Räucherwerks», segundo Löw, *Die Flora der Juden*, 3, 455-457.

O *Bibel-Lexikon* dá deste vocábulo a seguinte definição: «(hebr. *helb^{nā}*), ein in Syrien heimisches wohlriechendes Arzneikraut, dessen Saft im Räucherrezept Ex 30, 34-38 (vid. *Räucherrezept*) erwähnt wird; Sir. 24, 21 als Bild für den Wohlgeruch der Weisheit verwendet».

José Pedro Machado, citando Plínio (*Naturalis Historia*, XII, 121) escreve: «gálbano, suco que se tira de uma planta umbelífera de Síria». Nos *Livros de Falcoaria* (vid. *Boletim de Filologia*, I, p. 230) do séc. xv encontra-se esta palavra: «... tomarás a canafrecha verde e partilla has polo nó, e hũa rezina que deita por aly he boa pera estes cravos untados con ellas; esta mezinha achão nas boticas, chamão lhe *galbano*».

De notar que a palavra «gálbano» também aparece no texto grego do Eclesiástico, 24, 21: «Et quasi storax, et galbanus, et unguula et gutta, et quasi Libanus non incisus vaporavi habitationem meam. Et quasi balsamum non mistum odor meus».

A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* fornece mais alguns elementos que julgamos de interesse referir. Aí se diz que o «gálbano» é uma substância resinosa. Em Botânica e Farmacopeia define-se como uma «gomaresinosa» produzida pela *Ferula galbaniflua* e pela *Ferula rubricaulis* e é utilizada em Medicina. Apresenta-se em massas aglutinadas, plásticas, que contêm um óleo volátil, resina, uma goma solúvel, sendo usado como estimulante e diaforético.

O termo «mirra» (hebr. **מִרְרָה**, **מִרְרָה**) aparece várias vezes na Sagrada Escritura: Ex. 30, 23; Sal. 44, 9; Prov. 7, 17; Cant. 1, 12; 3, 6; 4, 6, 14; 5, 1, 5, 13; Ecli. 24, 20; e no Novo Testamento em Mat. 2, 11 e Jo. 19, 39.

Em Kohl-Baumgartner encontramos uma explicação deste vocábulo nestes termos: «ug. *smn m.*, acádico *murru*, hebraico pós-bíblico

מִרְרָה, judeo-aramaico **מִרְרָה**, etíope, árabe (**مِرْحَة**), vétero-suda-

-rábico **מִרְרָה**, grego (*σμόςση*) e latim (*myrrha*). E a mirra, «resein of Commiphora abessinica» (da Arábia): Geschmack bitter, Geruch würzig; als Gewürzpulver durch Händler nach Palästina (Cant. 3, 6); von Frauen in Duftbeutelchen zwischen den Brüsten getragen (Cant. 1, 13); man beräuchert damit: sich selbst, Kleider, Betten;

(Cant. 3, 33, 6; Sal. 45, 9; Prov. 7, 17); flüssig gemacht träufelt (Cant. 5, 5, 13); in Wasser geweicht gibt es zur Massage gebrauchtes». Neste caso aparece em hebraico שֶׁמֶן הַמִּרְיָה, óleo de mirra (Est. 2. 12).

E lê-se mais: «d. Harzkörner u.-klumpen, gelblichrot bis braun, sind besonders geschätzt». E neste caso aparece no texto bíblico «mirra de pérolas». «Für Salböl gebraucht» (Ex. 30, 23). Como «erotischer Terminus», הַר הַמִּרְיָה (Cant. 4, 6). A raiz é מֵרָה que significa «amargo».


O *Bibel-Lexikon*, por seu turno, fornece a seguinte explicação: «Wohlriechendes Harz, das aus bestimmten Terebinthazeen träufelt (dieses ist die beste Myrrhe: Ex. 30, 23, Hl. 1, 13; 5, 13) oder durch Einschnitte in die Zweige gewonnen wird. Dem Olivenöl beigemischt ergibt die Myrrhe ein köstliches Duftöl, mit dem sich der Bräutigam (Hl. 1, 13; 5, 13), die Braut (Hl. 5, 5; Est. 2, 12) parfümiert. Auch Gegenstände, wie Kleider (Ps. 45, 9), ein Bett (Spr. 7, 17), eine Sänfte (Hl. 3, 6), wurden mit Myrrhe wohlriechend gemacht. Dem Weine beigemischt liefert die Myrrhe einen berauchenden Trank (Mk. 15, 23). Jo. 19, 39 erwähnt eine Mischung von Myrrhe und Aloe zum Einbalsamieren einer Leiche. Myrrhe ist auch Ingredienz des heiligen Salböls (Ex. 30, 22-33) und ein geschätztes Geschenk (Mt. 2.11)».


José Pedro Machado cita um texto do séc. XII: «... mirra de que os mortos van II, 1583, ungir por nunca podreçer» (Afonso X, o Sábio, *Cantigas de Santa Maria*, N.º [424], p. 407, editadas por Walter Mettmann, Coimbra, 1959).

A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* dá a seguinte explicação científica: «Goma-resina produzida por várias espécies do género *Commiphora* Jacq., da família das burseráceas, tribo bosvelieas». E mais: «A mirra é um excitante tónico e emenagogo. Entra na composição de vários elixires e bálsamos, pílulas de cinoglossa, etc.». Os Gregos e Romanos usavam-na com vinho para restaurar as forças e os Egípcios empregavam-na no embalsamento de cadáveres e na composição de perfumes.

Garcia de Orta ao tratar da «mirra», diz que a maior parte deste produto é trazida da Arábia para Portugal e também da região abexim, que é na Etiópia, mirra que é chamada *Bola* pelos Índios. E continua dizendo que não conseguiu saber de que árvore ela é extraída. Apenas ouviu a um comerciante que negociava em Melinde e em Moçambique, «assim como a um sacerdote da Etiópia e a um bispo arménio, que há uma raça de homens montanhesees e rústicos chamados Bedoins, que falam a língua árabe pura, a qual se aproxima da antiga língua

caldaica ou siríaca. Esses homens, digo eu, trazem a mirra por via terrestre para Brava e Magadoxo e afirmam que a trazem da região caldeia, assim chamada por eles».

O Conde de Ficalho comenta a explanação dada por Orta e acrescenta as seguintes notas filológicas: «O nome de *myrrha*, como o grego *σμύρινη* vem do hebraico *mur*, que ainda hoje usam os árabes exactamente na mesma forma, , *murr*».

«Nardo» (hebr. ) é outro vocábulo que se enquadra na série de termos de origem hebraica ou que chegaram ao português através daquele idioma. Encontra-se no texto bíblico em Cant. 1, 11; 4, 13 e 4, 14. No Novo Testamento figura em Mc. 14, 3 e Jo. 12, 3. Vejamos a parte hebraica.

Segundo a Vulgata os passos mencionados são, respectivamente, os seguintes «Dum esset rex in accubitu suo. nardus mea dedit odorem suum»; «Emissiones tuae paradisi malorum puniceorum, cum pomorum fructibus, cypri cum nardo»; e «Nardus et crocus, fistula et cinnamomum, cum universis lignis Libani; myrrha et aloe, cum omnibus primis unguentis».

A *Bíblia de Jerusalém* emprega o mesmo termo, o mesmo fazendo a *Traduction Oecuménique de la Bible*, que dá a seguinte explicação «Plante aromatique d'origine indienne, utilisée pour charme d'amour lié au culte de fertilité». E acrescenta: «Les parfums symbolisent les attraits du garçon (*myrrhe* 1, 13; 5, 13; *henné* 1, 14; *baume* 5, 1; *aromate* 5, 13) et de la fille (*myrrhe* 4, 14; 5, 1. 5, peut-être 4, 6; *henné* 4, 13, peut-être 7, 12; *baume* 4, 10, 14; 5, 1; *aromate* 8, 2; *nard* ici et, avec *safran*, *cannelle*, *cinnamome* et *aloes* 4, 14; *encens* 4, 11; 5, 1; — selon l'interprétation, *encens* et *myrrhe* de 3, 6 peuvent concerner l'une ou l'autre). *Das Alte Testament Hebräisch-Deutsch* utiliza igualmente «Narde».

Em Kohl-Baumgartner dá-se esta explicação: «(sprich *nērd*): sanskr. *nalada* duftgebend, pers. *nārdin* «Narde (Fette parfümiert mit Rhizom von *Nardos tachys Jatamansi* u. *N. grandiflora*, später auch mit *later so with Ferula Sambul* Hook. u. d. Wurzel v. *a. roots of Valeriana celtica*; Löw 3, 482 ss.)». É hapaxlegomenon em Cant. 4, 13, pois em Cant. 1, 11 e 4, 14 aparece com sufixo e na forma plu'al.

Em *Bibel-Lexikon* dá-se a seguinte explicação de nardo: «Narde (hebr. *nērd*), nichtsemitische Bezeichnung eines in Indien heimischen Grases, aus dessen Wurzeln und unteren Stengelteilen das Nardeöl gewonnen wurde. Es wurde häufig mit anderen Substanzen zu einer

Salbe verarbeitet (Hl. 1, 12; 4, 13 f). Der *νάσσαος πιστικός* (Mk. 14, 3 e Jo. 12, 3) wird meist als «echte» Narde erklärt (die teure Narde wurde nach Plinius Nat. Hist. 12, 12 öfters gefälscht), obwohl die Bezeichnung *πιστικός* (gläubig) nie «echt» bedeutet. R. Köbert (Bb 29, 1948, 279-281) denkt an das *Costum*, ein bekanntes indisches Aroma, das man auch der Narde beismischte, und setzt einen aramäischen Originaltext *nrd kšf'* voraus. Ein Übersetzer mag dabei an aram. *Kšf'* (Wahrheit) gedacht und in Unkenntnis der wahren Bedeutung geschrieben haben».

José Pedro Machado diz que passou ao português através do latim, sendo de proveniência grega. E acrescenta que a forma composta *espiquecardo* aparece no séc. XVI num texto de Duarte Barbosa, *Livro em que dá relação do que viu e ouviu no Oriente*, p. 289, obra escrita em 1516, segundo afirma o seu autor: «... cotonias de sedas, alaquecas, óleo de gergelim, erva lombrigueira, *espiquecardo*, tutia, tinqual».

A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* diz que é uma planta muito aromática de que há várias espécies. E prossegue: «Raiz aromática de que os Antigos se serviam como perfume e que se supõe ser a raiz do nardo-índico ou espicanardo. Perfume extraído dessa raiz, bálsamo, óleo aromático». E cita um texto de Samuel Maia (da obra *D. Sebastião*, cap. 19, p. 238): «... jazia reguardado num túmulo novo, envolto em linho fino, unguido, perfumado de canela e de *nardo*»; e refere-se também à *Relíquia*, cap. 3, p. 281, de Eça de Queirós. E alude ao *nardo-da-Índia*, ao *nardo-do-monte* e ao *nardo-índico*. Dá depois a explicação botânica desta planta, concluindo que é originária do Himalaia e cultivada como ornamental e para perfumaria.

Garcia de Orta refere-se longamente ao «nardo», dizendo a certa altura: «Ponho o nardo no número destes (dos que são trazidos para Portugal da Índia), o qual é importado legítimo e sem fraude, embora às vezes ou contraia bolor com a água do mar ou com o tempo perca aquele perfume, que tinha no princípio». Fornece os nomes por que é conhecido e diz onde nasce: nas províncias de Mandu e de Chitor, nos reinos de Deli, Bengala, e vizinhos do Decão, junto do rio Ganges. E diz mais que há uma única espécie de nardo e que não nasce espontaneamente.

E dá a descrição desta planta: «A raiz espalha sobre solo uma vergõteazinha ou tronco com cerca de três palmos de comprimento, e por cima outros raminhos muito mais curtos; nas parte mais elevada da raiz produzem-se as espigas, e assim outras espigas pelos raminhos.

Vende-se muito em Cambaia, Asurate e Gogua, e em outros portos do mar, donde vêm os comerciantes árabes e persas; mas dizem que a parte principal é consumida pelos indígenas». Fala a seguir do nardo sujo e da negligência de Laguna que afirma ser o uso do nardo perigoso entre os indianos. Escreve: «Durante muitos anos exerci a medicina na Índia e lidei não só com médicos asiáticos de toda a qualidade, mas também me dava com reis e príncipes; nunca me aconteceu ver este piso (o tal veneno), ou ouvir o seu nome».

Carlos Clúcio inclui um suplemento em que alude ao nardo céltico.

Pela análise dos vocábulos estudados no presente trabalho conclui-se revestir-se de enorme importância o contributo dado pelo idioma hebraico para a formação de certos termos que ainda hoje, passados vários milénios, fazem parte do património linguístico português.

128
109
—
19
11